



GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos – Trabalho 720

ONDE ESTÃO AS CRIANÇAS DA CAROCHINHA? INVESTIGANDO A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO DE UMA CRECHE UNIVERSITÁRIA

Flávia Maria de Menezes – UERJ

Ligia Maria Motta Leão de Aquino – UERJ

Agência Financiadora: PROCiência- UERJ/FAPERJ

Resumo

Encontrar as crianças na produção de conhecimento elaborada *na e pela* relação universidade e infância, nas atividades de ensino, pesquisa e extensão, que se desenvolveram nas creches universitárias paulistanas, em especial a Creche Carochinha, no período de 1989 – 2012 foi o objetivo pelo qual se debruçou a pesquisa de mestrado em educação inscrita neste texto. Neste processo, o trabalho de pesquisa se constituiu em uma abordagem qualitativa, tendo a *leitura contemplativa* e a *tradução responsiva* como metodologias para a investigação e análise dos 107 documentos que constituem o *corpus*, identificados ao longo do texto como “os tesouros da Carochinha”. A *tradução responsiva* revelou a presença alteritária das crianças e da infância em grande parte dos trabalhos lidos contemplativamente. Revelou, também, que novos diálogos podem ser propostos, no que tange às marcas culturais que conferem sentidos singulares às crianças e à infância, percebidas, nesta pesquisa, como rastros não capturados. Contudo, a *tradução responsiva* pode permitir um lugar de protagonismo às creches universitárias como um espaço fértil na produção de conhecimento sobre as crianças, a infância e a educação infantil.

Palavras-chave: Creche Universitária. Criança. Produção de Conhecimento.

Introdução

O presente trabalho foi escrito com o propósito de trazer para o debate os resultados de uma pesquisa de mestrado cujo objetivo foi uma investigação nas relações de alteridade entre pesquisador e crianças, a partir da tradução dos encontros de pesquisa e produção de conhecimento que aconteceram no decorrer das atividades de ensino, pesquisa e extensão envolvendo pesquisadores e profissionais das universidades estaduais paulistas, em especial a Universidade de São Paulo, e a Creche Carochinha, uma instituição de educação infantil vinculada à USP, funcionando no campus Ribeirão Preto desta universidade.

Trata-se de uma pesquisa que trouxe os “encontros” bakhtinianos como objeto de investigação. Porém, não foram encontros protagonizados por nós, pesquisadoras/autoras deste texto, já que não vivemos em corpo as experiências que investigamos, mas sim, encontros de conhecimento, de produção de saberes, que colocam em questão um encontro que é muito caro para os grupos de pesquisa que investigam a infância: o encontro desta com a universidade.

Para muitos pesquisadores bakhtinianos, o “encontro” se traduz numa metodologia de pesquisa, um “fenômeno a partir do qual” os contextos da pesquisa “emergem como ambientes polifônicos” (Passos, 2014, p. 227). Polifônicos porque pressupõem vozes e sujeitos partilhando sentidos, pois todo o encontro tem um sentido que o possibilita e é gerador de outros tantos sentidos que vão afetar os sujeitos *no e pelo* encontro. Bakhtin (2010) afirma que os encontros recomeçam eternamente entre as pessoas, e os define como um elemento constitutivo nos enredos das narrativas, em especial nos romances. É possível planejá-lo ou vivê-lo de forma inesperada ou, também, não vivê-lo, uma vez que podem não acontecer, daí os desencontros e as separações (p. 222-223).

O encontro, no pensamento bakhtiniano, relaciona-se ao conceito de cronotopo. De acordo com Amorim (2004), Bakhtin “pegou emprestado” este conceito da matemática e da teoria da relatividade de Einstein (p. 222). Segundo a autora, o cronotopo

[...] é a materialização do tempo no espaço: há um lugar em que a história se desenrola, onde o tempo passa, se vive e se mede em função das características desse lugar. Como categoria literária, está relacionado com a forma e o conteúdo, o que quer dizer que ele concerne não somente ao acontecimento narrado na obra, mas também ao acontecimento da narração (Idem).

Retomando Passos (2014), o cronotopo do campo e os encontros que o recheiam, são ambientes polifônicos porque as pessoas se encontram *na e pela* palavra; porque, também, a pesquisadora não fala sozinha, já que seu discurso é atravessado pelas vozes de muitos interlocutores com os quais dialoga na pesquisa; os sujeitos pesquisados, por sua vez, também estão prenhes de vozes (suas crenças, saberes, ideologias, origens), e o campo também é repleto de outras vozes que não estarão em diálogo direto na pesquisa, mas certamente a interpelarão (p. 228).

É neste sentido que investigamos o “encontro” neste trabalho de pesquisa. Uma grande parte dos tesouros da Carochinha foi criada a partir de encontros, e nosso interesse está nos encontros entre pesquisadores e as crianças da Creche, ou seja, nos textos em que as crianças foram os sujeitos encontrados (ou pelo menos procurados) na

pesquisa. Sabemos que as crianças e a infância não estão ausentes nestas escritas, já que são narrativas de pesquisa que tratam dessas temáticas em diferentes abordagens. Porém, como foram esses encontros? Como foi encontrar a criança nos trabalhos de campo? De que forma foram narrados os encontros? As crianças aparecem, mas os textos falam com elas ou sobre elas? Como estão colocadas as suas vozes?

A partir dessas questões, seguimos no interior dos textos analisando a forma ou formas como as pesquisadoras da/na Carochinha encontraram seus sujeitos, as crianças e, também, a maneira como traduzem esses encontros nas narrativas da pesquisa, ou como explica Amorim, buscamos nos textos o que eles nos mostram sobre como as pesquisadoras viveram pessoal e intimamente os problemas, conflitos, as situações inusitadas, em quais cenários, em que tempos, as continuidades e descontinuidades nas quais os encontros se deram e ganharam sentidos para nutrir o trabalho de pesquisa (2004, p. 67).

Pensamos com Amorim que “todo o trabalho de pesquisa seria uma tradução do que é estranho em algo familiar” (2004, p. 26). A Creche Carochinha, seus sujeitos e suas histórias são estrangeiros para nós. Não nos encontramos física e diretamente com nenhuma pessoa e também não estivemos e nem participamos de nenhuma das situações expressas nas narrativas das pesquisas que investigamos. Então, devemos entender que estamos em um lugar interessante em relação ao distanciamento que toda a pesquisadora deve tomar de seu objeto para que possa primeiramente estranhá-lo, para posteriormente encontrar suas familiaridades. O trabalho de tradução, nesta perspectiva se dá nos movimentos que fazemos, como pesquisadoras para buscar aproximações familiares com o nosso objeto de pesquisa. Entretanto, devemos ter a consciência de que nossas traduções devem respeitar, em primeira instância, as situações e condições em que estes textos foram produzidos: o tempo-espço, os acontecimentos, as motivações e outras questões que interpelaram essas autoras/pesquisadoras, pelas suas vozes.

É nesse sentido que o diálogo com Bakhtin (2009) torna-se a fundação de nossas ideias, pois o olhar exotópico se traduz em uma estratégia fundamental no trabalho de leitura e análise dos textos, já que é no nosso *ato contemplativo* do pensamento do *outro* que se debruçam os contornos éticos e estéticos que a nossa escrita deve abarcar. Devemos adotar o “horizonte vital concreto” desses sujeitos tal como eles o narraram nos textos, e encontrar nessas narrativas o ato contemplativo do seu pensamento e dos muitos *outros* com os quais esses autores dialogaram. Assim, nossa escrita deve abarcar a estética e a ética naquilo que os textos trazem em seu conteúdo e na nossa postura

alteritária diante deles (os textos, os pensamentos, os sentidos). Pensar, assim, esse lugar em que a palavra do *outro* ocupa é pensar, também, nesse *outro* que queremos encontrar nas nossas investigações: as crianças da Creche, em diferentes tempos e situações, e como foram encontradas e traduzidas nos tesouros da Carochinha.

Portanto, os encontros com os *nossos outros* (as crianças e a infância nas pesquisas) se dão através de *outros* olhares (das pesquisadoras da/na Carochinha) sobre esse *outro* que desejamos encontrar, o que faz com que os autores dos trabalhos analisados também sejam *outros* com quem nos encontramos e a quem devemos compromisso ético. Assim, os *nossos outros* já foram encontrados, porém, os retomamos como sujeito nas nossas investigações e, à luz das ideias e conceituações bakhtinianas (assim como outros pensadores e outras ideias também), das nossas vivências, experiências e subjetivações vivemos a experiência do reencontro. Daí a responsabilidade ética para com esses tantos *outros* e os contextos que envolvem os encontros, e, logicamente, a preocupação para com o que muitos consideram enquanto rigor (ou disciplina) que deve estar presente nas pesquisas científicas.

Assim sendo, nosso caminhar nas atividades de pesquisa foi se dando nas possibilidades que as escritas nos permitiram para analisar, interrogar e traduzir os tesouros da Carochinha organizados na planilha de produções da Creche, consciente de que essas produções foram criadas por diferentes pesquisadoras, em diferentes campos do saber, falando de crianças pequenas e sua infância no cotidiano da creche investigada.

No trabalho de produção do *corpus* da pesquisa foram encontrados 107 documentos relacionados às atividades de ensino, pesquisa e extensão envolvendo a Creche Carochinha, suas crianças, famílias e funcionários (profissionais, pesquisadoras, demais trabalhadoras), que identificamos como *Os tesouros da Carochinha*. Todos esses documentos foram organizados em uma planilha *Excel*, agrupados em quinquênios¹, no período de 1989 a 2012², e representam o material documental deste trabalho de investigação. Portanto, sendo referentes às comunicações (57), dissertações

¹ Uma opção adotada pelo grupo de pesquisa ao qual pertence este trabalho, para favorecer os atos de investigação e análise dos documentos.

² Sobre o recorte temporal, esclarecemos que a criação da Creche Carochinha se deu no ano de 1985, porém na produção do *corpus* não foi possível localizar algum trabalho com a data anterior ao ano de 1989. Em relação ao ano de 2012, a nossa opção foi em função de incluirmos nessa trajetória importantes mudanças no cenário da Educação Infantil no Brasil, como a Emenda Constitucional nº 59 de 11 de novembro de 2009, que estabelece a obrigatoriedade da educação pré-escolar de 4 e 5 anos para todos os brasileiros, e a homologação da Resolução nº 5 de 17 de dezembro de 2009, que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

(18), projetos (6), monografias (7), teses de doutorado (7), documentos referentes à legislação (2), programas desenvolvidos na Creche (4), relatórios de assessoria técnica (1), trabalho de conclusão de curso - TCC (1), relatórios de estágio (3).

Embarcamos navegando em sítios na internet, utilizando as palavras *Creche Carochinha* e *creche universitária* como bússolas, orientando nossa navegação ao encontro do conhecimento desejado. Como na *web* a navegação não se dá em uma direção linear, muitas possibilidades de caminhos se colocaram neste processo, como por exemplo, a *Plataforma Lattes* e o site do *Scientific Eletronic Library Online* – Scielo que também contribuíram nesta pesquisa, pois nestes locais foram encontrados trabalhos de extrema relevância na produção acadêmica que tratava a Creche Carochinha e seus contextos como objeto de investigação. Nessas possibilidades, outras palavras foram surgindo revelando novos caminhos para a busca e outras tantas produções, como *crianças em creches, pesquisas com bebês, Rede de Significações*³.

Boa parte desta produção foi feita a partir da *web*, entretanto houve consulta a acervos de livros e outros textos pessoais e do grupo de pesquisa. Portanto, o *corpus* se traduz em uma das faces desta pesquisa, cujo sentido se encontra *com* e *no* seu objeto, já que é em torno deste que a atividade da pesquisadora se justifica, que as escolhas são feitas como nos diz Bakhtin:

“O que na vida, na cognição e no ato chamamos de objeto definido só adquire determinidade na nossa relação com ele: é nossa relação que define o objeto e sua estrutura e não o contrário (...)” (Bakhtin, 2011, p. 4).

Como a pesquisa que desenvolvemos não contemplou a relação direta com o espaço/tempo do campo e os sujeitos, nossa investigação esteve centrada no *corpus*, ou melhor, nos *tesouros da Carochinha*. Foram com esses *tesouros* que dialogamos; foram eles que nos interrogaram, nos inquietaram e nos trouxeram revelações, possibilidades para nutrir o objeto da pesquisa, mapeando nossos caminhos. Foi através da *leitura contemplativa* e da *tradução responsiva* que se deu a relação com o objeto da pesquisa, processos estes nos quais nos atravessamos com as ideias de Bakhtin.

³ A perspectiva teórico-metodológica da Rede de Significações (*RedSig*) foi desenvolvida pelos pesquisadores do Centro Brasileiro de Investigação sobre Desenvolvimento e Educação Infantil (CINDEDI), sob a coordenação das professoras Maria Clotilde Rossetti-Ferreira, Kátia de Souza Amorim, Ana Paula Soares da Silva e Ana Maria Almeida Carvalho, se constituindo em outra perspectiva de estudo do desenvolvimento humano, cujo fundamento se dá na matriz sócio-histórica, em especial nos estudos de Vygotsky, Mikhail Bakhtin, Henri Wallon e John Bowlby. Para aprofundamento desta perspectiva, indicamos a leitura de ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde et al (Org.). *Rede de Significações e o Estudo do Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.

2. Na leitura contemplativa o que “falam” os dados da pesquisa

Toda pesquisa só tem começo depois do fim. Dizendo melhor, é impossível saber quando e onde começa um processo de reflexão. Porém, uma vez terminado, é possível ressignificar o que veio antes e tentar ver indícios no que ainda não era e passou a ser.

Marília Amorim

A epígrafe em que iniciamos este tópico do texto traduz o que, de certa forma, pretendemos que é “tentar ver indícios no que ainda não era e passou a ser”. Na leitura contemplativa procuramos transformar os dados brutos ou, melhor dizendo, os *tesouros da Carochinha* ainda não lapidados, em pistas significativas que nos orientaram no trabalho de tradução dos textos. Portanto, este momento o trabalho envolveu muito mais nossa voz e nossas impressões do que as vozes e as impressões das autoras/personagens dos textos que integram os tesouros. A partir da contemplação dos dados não lapidados, atravessadas em Bakhtin, seus leitores, outros pensadores que trazemos em diálogo na escrita e nossos parceiros de pesquisa, foi possível “escutar” o que falam os dados brutos e com essa escuta produzir uma escrita que permitisse transparecer a identidade desta produção, ou seja, o que tratam os *tesouros da Carochinha*; o que esses *tesouros* revelam sobre a identidade acadêmica da instituição, já que se trata de uma creche universitária; a presença das crianças e da infância nos trabalhos; as tonalidades perceptíveis da relação ensino/pesquisa/extensão que atravessam e aproximam a universidade e a infância na Creche.

Os documentos foram catalogados nos seguintes campos, em função do objetivo da pesquisa e do material encontrado: *tipo de documento, finalidade, área de conhecimento, autoria, orientador ou coordenador, instituição, ano de publicação, número de páginas, suporte, linguagem, palavras-chave, local depositado, institucional* (tipo de pesquisa). Este último campo identifica os trabalhos pela sua vinculação com a universidade, sendo *institucional* todos os trabalhos cujas autoras são docentes e/ou pesquisadoras da USP. Portanto, entendemos como *institucional* as produções elaboradas por profissionais e pesquisadoras da USP, que respondem às demandas que surgem no cotidiano da pesquisa, da pesquisadora e, sem dúvida, da Creche Carochinha, contribuindo, direta ou indiretamente, na qualidade do trabalho oferecido às crianças, suas famílias e aos profissionais. No que tange à identificação “não institucional”, este campo inclui as produções de profissionais e pesquisadoras de outras instâncias sejam

estas acadêmicas ou não, e estudantes de graduação, pós-graduação e extensão universitária, tanto da USP como de outras universidades.

O processo de análise dos dados para a organização dos tesouros da Carochinha se deu em interlocução com os estudos de Raupp (2002); Faria Filho, Silva e Luz (2010) e Rocha (1999), que contribuíram nas nossas reflexões em relação aos aspectos que seriam privilegiados nesse primeiro estudo exploratório dos textos.

Analisando os campos da planilha, o campo *tipo de documento* diz respeito à identidade dos documentos produzidos, ou seja, nos possibilita identificar o discurso, os temas, assuntos, enfim que tipo de conhecimento é possível encontrar e a partir de qual ou quais atividades o documento foi elaborado. Outros campos como o *título*, *área*, *autoria*, *instituição* e *ano* também contribuíram com dados relevantes para ampliar nossa percepção sobre a identidade de cada um desses documentos. Cabe ressaltar os documentos identificados como “comunicação” ainda no campo “tipo de documento”, cuja identidade se traduz nos textos elaborados com a finalidade de divulgação e disseminação do conhecimento produzido *na*, *pela* e *com* a Creche Carochinha. Em “comunicações” estão incluídos artigos, livros, resenhas, manuais didáticos, vídeos em VHS ou digitais gravados em DVD, para publicação em anais em congressos, seminários e outros eventos acadêmicos e/ou destinados à formação, construídos para comunicar o resultado de pesquisas e outras atividades, e contribuir com questões relevantes sobre as crianças e a educação infantil, conferindo visibilidade à Creche. O campo *finalidade* evidencia a intenção para a qual os trabalhos foram produzidos.

Portanto, os *tesouros da Carochinha* se constituem em um conjunto de textos elaborado por profissionais, pesquisadoras e estudantes das diferentes áreas do conhecimento, que realizaram suas atividades de ensino, pesquisa e extensão tendo a Creche como campo de investigação e produção de saberes sobre e com a infância e as crianças nesses contextos. Nesta perspectiva, integram os *tesouros* teses, dissertações, monografias, artigos, relatos/relatórios (estágio e trabalho de campo), projetos (pesquisa, extensão, trabalho pedagógico) e documentos relativos à organização da instituição (regimentos, manuais didáticos, periódicos internos, planejamento institucional).

Nos os vinte e três anos (1989-2012) de produção em ensino, pesquisa e extensão no espaço-tempo da Creche Carochinha foi visível o investimento da instituição na elaboração de documentos cuja finalidade é a disseminação de conhecimentos elaborados na pulsação do cotidiano da Creche, fundamentados na

relação entre os saberes e os fazeres que constituem este cotidiano e se atravessam com a infância, a docência e a universidade, através das atividades das crianças, dos educadoras, estudantes, pesquisadoras e profissionais das universidades paulistanas, principalmente a USP.

Há um acréscimo considerável no volume de produções no período entre 1994 e 2008 em relação aos demais quinquênios. Este fato pode estar relacionado à parceria com o Centro de Investigações sobre o Desenvolvimento e Educação Infantil (CINDEDI), um centro acadêmico vinculado ao Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (FFCL) de Ribeirão Preto. O CINDEDI já existia informalmente desde 1979, porém se efetivou como um centro de pesquisas vinculado oficialmente à USP a partir do ano de 1991. Este Centro representa um espaço de “referência em pesquisa/ensino/extensão nas áreas de desenvolvimento humano e educação infantil”⁴.

Ainda que na construção dos *tesouros da Carochinha* tenham sido encontrados oito documentos datados anteriores à parceria entre o CINDEDI e a Creche, consideramos este espaço como fundamental na constituição da Creche como campo de pesquisa e produção de conhecimento, tendo em vista o crescimento dos trabalhos, principalmente teses e dissertações, assim como publicações de livros, artigos e trabalhos em anais, a partir da mediação do CINDEDI nas atividades de produção realizadas *na, pela e com* a Creche Carochinha.

Para a organização dos documentos na planilha, trabalhamos com a Tabela de Áreas de Conhecimento publicada no portal do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), no link *Dados Abertos*⁵. Segundo informações do referido portal, esta tabela é “adotada por órgãos atuantes em ciência, arte e inovação” como um instrumento relevante na organização das informações que serão necessárias na “implementação, administração e avaliação” dos programas e atividades de pesquisa, funcionando como referência para que as instituições e profissionais que realizam

⁴ www.cindedi.com.br, acesso em novembro de 2014, período de construção dos processos da pesquisa.

⁵ Sobre a Tabela de Áreas do Conhecimento, consultamos o Portal do CNPq em 9/05/2014. Em busca avançada na *web*, verificamos que há referências de um processo de reformulação desta tabela, datado de 2005. Encontramos uma referência do ano de 2012 para a tabela com a qual trabalhamos nesta análise, no link de acesso para o portal do CNPq no site de busca que utilizamos, no endereço <http://www.cnpq.br/web/guest/dadosabertos>, entretanto não encontramos, navegando no próprio site do CNPq, a identificação do ano de produção desta tabela. Assim, por ela estar disponível para consulta na data em que acessamos o site, podemos entendê-la como atual e, desta forma, utilizá-la em nossas análises.

programas e pesquisas possam situar “suas atividades no quadro geral da produção e aplicação do conhecimento”.

A forma como a Tabela de Áreas de Conhecimento do CNPq compreende e denomina os diferentes campos do saber, possibilita perceber o quão amplo e complexo podem se tornar os discursos que traduzem a infância, a criança e a educação infantil nos textos que integram os *tesouros da Carochinha*. Ainda assim, é fundamental considerar que nas Ciências Humanas, área de maior concentração de trabalhos catalogados⁶, os discursos assumem, fundamentalmente, um caráter *polifônico* já que dialogam necessariamente com diversos campos do conhecimento e da vida. Nesse aspecto, o pensamento bakhtiniano contribuiu com relevância nas análises.

Para Bakhtin formular um pensamento em Ciências Humanas pressupõe entrelaçar-se com a palavra do *outro*, já que nessas ciências o “locutor e sua palavra constituem o objeto fundamental do conhecimento”, portanto se não há “texto não há objeto de estudo e de pensamento” (Bakhtin *apud* Amorim, 2004, p. 187). Assim, na perspectiva bakhtiniana, um discurso significa o pensar de alguém, que fala de um lugar social *com* outros tantos de outros tantos lugares, daí sua “natureza” dinâmica, *polifônica* e inacabada (Geraldini *in* Freitas et al. Org., 2006, p. 25-26).

3. Mas... e as crianças, onde estão? O que falam os dados sobre as crianças, a infância e a Creche – Conclusões/Considerações da pesquisa.

Encontrar as crianças nestes textos foi o objetivo principal desta pesquisa. Traduzir a forma como foram traduzidas. Traduzir, também, as formas como percebemos os *excedentes de visão* das pesquisadoras da/na Carochinha. Portanto, a presença das crianças foi por nós percebida em todos os trabalhos analisados. Entretanto, nem sempre as crianças, apesar de presentes, falaram por si. Em boa parte dos *tesouros da Carochinha*, as pesquisadoras, seus interlocutores teóricos e as ideias que se atravessaram em diálogo roubaram a cena nas tramas dos textos.

Nas traduções do percurso histórico das creches universitárias paulistas, principalmente da Creche Carochinha, percebemos nas lutas travadas a origem da transformação de um espaço que surgia para atender as necessidades da comunidade universitária em um lugar para os *encontros* entre a universidade e a infância, onde os

⁶ Dos 107 trabalhos catalogados, 90 foram produzidos em Ciências Humanas.

acontecimentos desses *encontros* permitiriam emergir ideias sobre as crianças e seu desenvolvimento, sobre as creches e o educar e cuidar no coletivo, sobre os adultos e as formas como cuidam e educam as crianças, principalmente os bebês, possibilitando novas configurações nos fazeres e nos saberes sobre a educação das crianças pequenas nas instituições. Talvez em função desse movimento, a preocupação das pesquisadoras da Carochinha em suas investigações e na escrita dos textos esteve centrada em traduzir da forma mais transparente possível suas experiências, observações, interpretações e conclusões de modo que as educadoras infantis, as gestoras de creche, a comunidade científica e as gestoras de políticas públicas voltadas às crianças pequenas fossem afetadas com suas ideias, percepções e sugestões.

Pensamos que o recorte temporal eleito por nós para as investigações nesta pesquisa permitiu localizar um tempo-espaço em que novas configurações sobre as crianças e a infância surgiam no cenário da educação infantil, principalmente no que tange às mudanças que aconteceram na legislação, mesmo que não tenhamos encontrado trabalhos cujo objeto de investigação tenha se debruçado nessas configurações, mas encontramos indícios delas nos discursos em boa parte dos textos escritos pelas pesquisadoras da/na Carochinha, como se desejassem enunciar a necessidade de um diálogo entre as ideias tecidas sobre as crianças e o que de fato nos provocam quando mergulhamos nos cenários onde as experiências infantis acontecem. Todavia, a forma como desfocaram as políticas públicas, nas nossas traduções pareceu acontecer em função do foco estar centrado no cenário das creches universitárias estaduais paulistas, que, no seio dessas políticas, se configuram como territórios de infância muito específicos. As pesquisadoras demonstraram querer anunciar a importância desses espaços no cenário da infância, pelo menos no tocante à produção de conhecimento. Percebemos o *cronotopo* dos *encontros* na leitura dos textos das pesquisas atravessado nas tessituras da relação universidade e infância, na forma como as atividades de ensino, pesquisa e extensão constituíram as creches universitárias paulistanas e na forma como estas interpelaram suas estudantes, pesquisadoras e profissionais.

Assim sendo, os tesouros da Carochinha revelaram o lugar do protagonismo das creches universitárias no cenário da infância e da educação infantil. Dentro do universo da educação infantil pública, podemos entender que essas instituições estão em minoria, já que são poucas e atendem a um público específico de crianças e famílias, porém crescem em função da relevância de sua produção, ancorada na relação universidade e

infância, pelo tripé ensino, pesquisa e extensão. Um acontecimento relevante para as instituições, como também para as universidades, suas estudantes e pesquisadoras; um salto de visibilidade.

Sobre os *encontros* com as crianças, o objeto da nossa investigação, os tesouros da Carochinha trouxeram revelações importantes para as nossas traduções. Boa parte dos textos em que lemos contemplativamente foi produzida através de um trabalho diferente e muito interessante, no que diz respeito à relação pesquisadora/sujeito no processo de pesquisa. Parafraseando Amorim (2004), as pesquisadoras da/na Carochinha entraram “no país do *outro*” em *ato* e não em corpo, pois grande parte das pesquisas se deu a partir de investigações feitas em dados empíricos de outras pesquisas. Uma forma diferente de busca e captura, mas que possibilitou que as crianças pudessem falar e serem capturadas pela sua singularidade. O *olhar microgenético*⁷ representou a diferença no excedente de visão dessas pesquisadoras; uma forma instigante de exercitar o olhar criando outras tonalidades no pensamento bakhtiniano. As crianças falaram pela sua *incompletude motora* e falaram, também, através dos *campos interativos* que criaram com seus pares. Falaram por si e falaram em pares, em interação. Suas falas não só foram capturadas como se tornaram um ingrediente fundamental na produção do conhecimento, pois provocaram desvios e desconstruções nas ideias dessas pesquisadoras sobre o desenvolvimento infantil, sobre a educação de bebês em ambientes coletivos.

Ao interpretar os menores indícios, ao acreditar que pode completar as “manifestações lacunares e inconsistentes” relacionando-as a um sistema de referências, o adulto não faz mais do que procurar na criança sinais do que reconhece, ele próprio adulto. Ainda que travestido da criança que fora, ainda que travestido da idéia de características próprias da humanidade, o adulto não faz mais do que acessar o sistema de referências baseado nele próprio (Mello, 1999, p. 47).

Portanto, podemos dizer que, pela *incompletude motora* o “sistema de referências” das pesquisadoras da/na Carochinha foi interpelado pelas vozes das crianças e, dessa forma, devemos considerar que permitiram, também, que *a criança que foram* dialogasse com ressonância de vozes neste processo.

A maior parte dos encontros investigados em que as pesquisadoras estiveram face a face com as crianças na creche, as verdades dessas pesquisadoras e de seus

⁷ Metodologia de pesquisa utilizada pelas pesquisadoras, na captura de informações e conhecimentos sobre as crianças através de imagens produzidas em gravações em áudiovídeo e fotografias.

interlocutores teóricos se sobressaíram em relação às experiências que vivenciaram com as crianças no processo da pesquisa. Podemos traduzir que tais experiências ficaram nos bastidores da pesquisa: nos apontamentos de campo das pesquisadoras, nas suas memórias que, por essa razão nos escaparam à tradução, já que não foram contempladas em suas narrativas. Por isso, não pudemos lê-las contemplativamente e, nesse sentido, ficaram sem tradução, pelo menos neste texto.

Entretanto, ainda que a singularidade das crianças tenha sido traduzida pela *incompletude motora* e pelos *campos interativos*⁸; ainda que essas perspectivas tenham sido traduzidas por nós como uma forma exotópica de pensar a criança e de falar *com* ela nas narrativas dos textos de pesquisa, consideramos que o reconhecimento das crianças pequenas como cidadã e sujeitos de direitos, evidenciado nas percepções de muitos dessas pesquisadoras ficou esvaziado de conteúdo. A *incompletude motora* e os *campos interativos* foram potentes enquanto ruídos e perturbações nas ideias das pesquisadoras da/na Carochinha, permitindo evidenciar as condições em que as crianças puderam pensar por si só e sobre elas mesmas nas situações em que foram observadas. Porém suas traduções deixaram de fora questões fundamentais que poderiam conferir sentidos ainda mais potentes se seus excedentes de visão permitissem que tais questões pudessem atravessar a *incompletude motora* e os *campos interativos* criados pelas crianças em suas experiências.

Neste sentido, referimo-nos às marcas culturais, identificadas pelas pesquisadoras nos dados empíricos de suas pesquisas, porém não problematizadas em suas traduções. As crianças foram identificadas pelo gênero, pela raça, pela condição econômica, pelas configurações familiares, pelo nível de escolaridade de seus pais/responsáveis, mas tais identificações foram percebidas nas nossas traduções como classificações, categorias nas quais as crianças investigadas foram diferenciadas entre si, mas uma diferença sem conflitos, sem problematizações, sem o reconhecimento de que as diferenciações também produzem diferenças.

Concordamos com as pesquisadoras da/na Carochinha que “é preciso reconhecer a criança naquilo que lhe é próprio”, mas pensamos que não há como separar as marcas culturais que atravessam a infância, nas suas condições, do que é próprio da criança e das culturas infantis. Nessa perspectiva, corremos o risco de produzir sentidos escorregadios em nossas traduções enquanto pesquisadores da

⁸ Conceitos desenvolvidos pelas pesquisadoras da/na Carochinha em suas investigações, partindo da Rede de Significações como perspectiva teórico-metodológica.

infância, pois apartadas das condições concretas de sua cidadania, as ideias sobre as crianças e a infância podem escorregar em sentidos individualizantes e generalizantes. Ribes Pereira nos convida a pensar essa questão com Walter Benjamin:

Tecendo severa crítica aos modos como, em sua época, as ciências sistemáticas primavam pela construção de um saber pautado nas premissas da objetividade e da generalização, o autor propõe uma forma outra de lidar com as categorias de singularidade e universalidade na produção do conhecimento que envolve os fenômenos sociais. Benjamin (1984) afirma que os fenômenos se apresentam em sua condição singular; entretanto, permanecem em intermitente relação com a dinâmica social e cultural mais ampla à qual estão ligados. Nessa linha de pensamento, a pretensão da validade universal supostamente garantida pela recorrência dos fenômenos e pela generalização das análises pode não fazer justiça aos fenômenos naquilo que eles têm de singular, de irrepetível e de inusitado (Ribes Pereira, 2010, p. 41).

Neste sentido, as questões de gênero, raça, condição econômica, configurações familiares e nível de escolaridade dos pais/responsáveis poderiam ter contribuído para ampliar os horizontes das pesquisadoras da/na Carochinha, possibilitando tessituras mais potentes naquilo que é *singular, irrepetível e inusitado* nas crianças e na infância na creche, provocando ecos muito interessantes na produção de conhecimento que elaboraram, principalmente no que tange à condição de sujeitos de direitos e de cidadania das crianças pequenas, levando em consideração a contribuição dos *tesouros da Carochinha* em contextos de educação infantil diferentes daqueles investigados por seus pesquisadores.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Marília. *O pesquisador e seu outro. Bakhtin nas Ciências Humanas*. São Paulo: Musa, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. Mikhailovich. *Estética da criação verbal*. Tradução do russo de Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. *Questões de literatura e de estética (A Teoria do Romance)*. Tradução do russo Aurora Fornoni Bernadini, José Pereira Junior, Augusto Góes Junior, Helena Spryndis Nazário, Homero Freitas de Andrade. 6 Ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2010.

_____. *Por uma Filosofia do Ato*. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza. Texto completo da edição americana *Toward a Philosophy of the Act*, traduzido e comentado por Vadim Liapunov. University of Texas Press, 1993. Disponível em: <http://copyfight.me/Acervo/livros/BakhtinParaumafilosofiadoato.pdf>.

BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: Dialogismo e Polifonia*. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. *Bakhtin: Outros conceitos chaves*. São Paulo: Contexto, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*. Brasília. MEC. SEB, 2010.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *Câmara de Educação Básica. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. LDBEN 9394/96. Brasília, 20 de dezembro de 1996.

FARIA FILHO, Luciane Mendes de; SILVA, Isabel de Oliveira e; LUZ, Iza Rodrigues da. *Grupos de Pesquisa sobre Infância, Criança e Educação Infantil no Brasil: primeiras aproximações*. Trabalho encomendado para o GT da Educação da Criança de 0 a 6 anos/ANPEd, na 31ª Reunião anual da ANPEd, 2008.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção (Org.). *Educação, Arte e Vida em Bakhtin*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MELLO, Ana. Maria. de Araújo. *História da carochinha: uma experiência para a educação de crianças abaixo de 3 anos em creche*. 1999. 110 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, 1999, pdf.

RIBES PEREIRA, Rita Marisa. *Crianças nas redes sociais online: novas sociabilidades e desafios para a pesquisa*. II Simpósio Luso-Brasileiro em Estudos da Criança. Faculdade de Educação. UFRGS: 2014. Disponível em www.estudosdacrianca.com.br. Acesso em 12/04/2015.

_____. *O menino, os barcos, o mundo: considerações sobre a construção do conhecimento*. Currículo sem Fronteiras, v.10, n.2, Jul/Dez 2010.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde et all (org.) *Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

Sites Consultados

Centro de Investigações sobre o Desenvolvimento Humano e Educação Infantil
www.cindedi.com.br

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)
www.cnpq.br/web/guest/dadosabertos

Portal do Ministério da Educação
www.portaldomec.gov.br

Universidade de São Paulo – Coordenadoria de Assistência Social (COSEAS) – Creche Carochinha
www.usp.br/coseas/Crechecarochinha.htm

Universidade de São Paulo – Superintendência de Assistência Social
www.usp.br/coseas/COSEASHP/COSEAS2010DC.html